

CLXI

25 de abril de 1382

Procuração de Vasco Domingues, mercador, como testamenteiro de sua sogra Maria de Sousa, manceba que foi do conego Gil Eannes, dando poder a Lourenço Estevez, prioste dos clerigos, e a outro, para tomarem posse do logar da Curveira, freguesia de Silvares, em que ella impôs por seu testamento tres libras perpetuamente a favor dos clerigos do côro.

Feito a 25 de abril da era de 1420 pelo tabellião Affonso Fernandes. Em seguida: Posse do dito logar em 14 de janeiro da era de 1421.

CLXII

5 de setembro de 1382

Emprazamento, em tres vidas, de um campo sito na rua dos Mercadores, em que houve casas que arderam com mais outras «quando ora aqui fora a queima em esta villa», pertencente á casa de Santa Luzia, feito pelo juiz de Guimarães Gonçalo Romeu e pelos vereadores Affonso Pires, Martim Domingues, Affonso Lourenço e Pallos Domingues e pelo procurador do concelho Gil Pires, a Affonso de Freitas, mercador, e mulher Maria Martins, com o foro annual de 5 maravidis velhos pagos á dita casa de Santa Luzia e um á *Madanella*, que está na Igreja de S. Tiago, d'esta villa, e com obrigação de ali edificarem casas á sua custa.

Feito no Paço do concelho, pelo tabellião João Pires, a 5 de setembro da era de 1420, sendo procurador da casa de Santa Luzia, Vasco Gonçalves Missa.

(*Continúa*).

O abbade J. G. DE OLIVEIRA GUIMARÃES.

 Contos para contar

V

Exemplares ineditos

Ainda não está esgotado o assunto, nem o proposito que nos move a não perdê-lo de vista.

Depois de termos manifestado n-*O Arch. Port.*, de pag. 289 a 304 do vol. VII, algumas ideias conducentes a defender os *contos*, ou calculadores, contra a indiferença de que eram victimas, exaltando o tri-

buto de veneração que lhes é devido, como documentos archeologicos de valor, não descurámos de patrociná-los novamente. Neste intuito recorremos aos materiaes arrecadados nas nossas pastas de trabalho, e visitámos piedosamente os medalheiros dos colleccionadores.

Foram escolhidos 14 exemplares, ineditos, que certamente hão-de prender a attenção dos entendidos. A colheita é como a reserva do pobre, pela exiguidade, mas distingue-se pelo que de novo apresenta.

A perseverança com que nos temos abtido de liquidar o assunto, ainda hoje sem historia conhecida, authenticada por escritos coevos, nasceu da propria importancia d'elle perante a archeologia.

Em revistas periodicas que tratam de numismatica, e em boletins de associações scientificas estrangeiras, o estudo dos *jetons* tem tomado proporções de verdadeira consagração; por tanto não ha motivo para que deixe de proseguir o estudo dos *contos para contar*, que representam aquelles em Portugal. No passado imitámos a natureza da especie; imitemos, pois, no presente o empenho com que lá fóra se define e exhibe scientificamente qualquer antigualha de tal ordem.

Ha livros especiaes, vulgarizadores dos *jetons* e dos *méreaux*. Esta literatura, de grande valor, que teve inicio na Hollanda no primeiro quartel do sec. XVII, tem aumentado gradualmente no andar dos tempos¹. De ha annos a esta parte é notavel o seu desenvolvimento.

¹ Os livros que sobre a especialidade conhecemos, uns directa outros indirectamente, são os seguintes:

Emmanuel de Meteren, *Histoire des Pays-Bas*, La Haye 1618.

P. Ménestrier, *Histoire de Luois le Grand*, Paris 1688.

Bizot, *Histoire métallique de la République de Hollande*, Paris 1689.

Van Loon, *Berchryving der Nederlandsche historiepenningen*, La Haye 1723-1731.

Frans. Van Miéris, *Histoire der Nederlandschevorsten met meer dan duizend historipenningen opgehelderd*. Graavenh, La Haye 1732-1735.

Snelling, *A view of the origin, nature, and use of jettons or counters*, London 1767.

G. Van Orden, *Brijdragen tot penningk und van het kon der Nederlanden*, Zaandam 1830.

M. Hermand, *Recherches sur les monnaies, médailles et jetons dont la ville de Saint-Omer a été l'objet*, Saint-Omer 1835.

M. M. Dancoisne et Delanoy, *Recueil des monnaies, médailles et jetons de Douai et de son arrondissement*, Douai 1836.

M. Desains, *Notice sur quelques monnaies, méreaux ou jetons du moyen âge*, (La Revue Numismatique 1842).

M. Rossignol, *Des libertés de la Bourgogne d'après les jetons de ses États*, Autun 1851.

Compulsando o *Bulletin International de Numismatique*, que foi dirigido pelo Sr. Adrien Blanchet, respigámos 52 artigos que ali se mencionam, publicados por autores de varias nacionalidades no periodo decorrido de 1901 a 1904. O Sr. Alphonse de Witte, numismata belga, tem a primasia entre os monographistas que tanto produziram em tres annos apenas. E basta só a influencia d'este recente desenvolvimento literario para que o amator do *conto* não se abstenha de o posuir e estudar, salvando-o da destruição, inevitavel no caso contrario, e da indifferença.

Tambem é preciso notar que lá fóra, nos leilões, o preço do *jeton* quasi excede o da moeda menos vulgar, progresso este não calculado antigamente pelos numismatas nem pelos commerciantes gananciosos. E a onda crescerá mais brava; póde affirmar-se isto.

A insistencia pelo brilho da *jetonistique*, ou disciplina que se occupa do *jeton*, não provém da falta de assuntos novos no campo do nu-

P. Charles Robert, *Recherches sur les monnaies et jetons de maitres-èchevens de la ville de Metz*, Metz 1853.

J. de Fontenay, *Manuel de l'amateur des jetons*, Paris 1854.

Jules Rouyer et Eugène Hucher, *Histoire du jetons au moyen âge*, Paris 1858.

Van Hende, *Numismatique lilloise ou description des monnaies, médailles, méreaux, jetons, etc.*, de Lille, 1858.

L. Dancoisne, *Recueil historique de monnaies, méreaux, médailles et jetons de la ville et de l'arrondissement de Béthune*, Arras 1859.

Loir, *Recherches sur les monnaies, méreaux, sceaux et jetons de Mantes*, Paris 1859.

Forgeais, *Méreaux des corporations de métiers (trouvés dans la Seine)*, 1862.

L. Deschamps de Pas, *Notice sur les jetons d'Arton*, Bruxelles 1863.

A. Durand, *Médailles et jetons des numismates*, Genève 1865.

Soultrait, *Notice sur les jetons de plomb des archevêques de Lyon*, Lyon 1869.

Deschamps de Pas, *Note descriptive des méreaux trouvés à Théroutanne*, Bruxelles 1872.

Maurin Nahuys, *Médailles et jetons inédites relatives à l'histoire des XVII provinces anciennes des Pays-Bas*, Bruxelles 1873-1877.

De Sebodt, *Méreaux de bienfaisance ecclésiastiques et religieux de la ville de Bruges*, Bruxelles 1873-1878.

De Sebodt, *Le chapitre de la cathédral de S. Lambert à Liège et ses méreaux*, Bruxelles 1875.

Dr. L. F. Dugniolle, *Le jeton historique des dix-sept provinces des Pays-Bas*, Bruxelles 1876-1880.

L. Minard van Hoorebeke, *Description des méreaux et jetons de présence des gildes et corps de métiers, églises, etc.*, de la ville de Gand, Gand 1877-1879.

Affry de la Monnoye, *Jetons de l'échevinage parisien, annotés et publiés par le service historique de la ville de Paris*, Paris 1878.

misma antigo. Outra é a causa:—o *jeton*, é muitas vezes historicamente mais expressivo que a moeda. Quasi se compara á medalha, quando commemora acontecimentos, nem sempre de importancia secundaria. Refere-se ordinariamente a factos da vida privada ou publica dos grandes senhores, factos denunciados nos metaes bem mais perduraveis que o livro, com o qual hoje vivemos na melhor intimidade, conquistando ideias, como os antigos viveram com a espada, avassalando povos.

Deve insistir-se no estudo do *conto*, genuinamente portuguez, que não viveu laboriosamente no estrangeiro, embora apenas recorde a missão para que foi criado. A sua inferioridade, em comparação da do *jeton*, que foi calculista e historiador, é compensada pela originalidade, inconfundível, que o caracteriza. Sabemos que os numismatas estrangeiros interessam-se por conhecer os *contos*; certamente acabarão por colleccioná-los.

J. Dirks, *De Noord-Nederlandsche Gildepenningen, Wetenschappelijk beschreven en afgebeeld*, Haalem 1878-1879.

J. Chautard, *Notice sur les jetons des galères frappés au nom et aux armes de Louis Joseph, duc de Vendôme*, Vendôme 1881-1882.

Poncet, *Recherches sur les jetons consulaires de la ville de Lyon*, Lyon 1883.

L. Quintard, *Jetons de l'Hôtel de Ville-de-Nancy*, Nancy 1890.

Robert et R. Serrure, *Monnaies et médailles des évêques de Metz*, Paris 1890.

J. Bethune, *Méreaux des familles brugeoises*, Bruges 1890-1894.

Ch. Préau, *Jetons des ducs de Vendôme de branche légitime*, Paris 1891.

Ch. Préau, *Jetons inédites de Nicolas Dupré et Jean Joussetins*, Paris 1891.

Chautard, *Études sur les jetons au point de vue de la reproduction du type du revers*, Bruxelles 1891.

J. Roman, *Les jetons du Dauphiné*, Grenoble 1894.

De Lespinasse, *Jetons et armoiries des métiers de Paris*, Nevers 1897.

R. Gillet, *Jetons de présence des compagnies de notaires de France*, Joinville 1897.

Van Gennep, *Jetons de Savoie*, Paris 1897.

Léopold van den Bergh, *Catalogue descriptif des monnaies, méreaux, jetons et médailles frappés à Malines*, Malines 1899.

Emile Bonnet, *Les jetons des États généraux de Languedoc*, Paris 1900.

Henri de la Four, *Jetons des rois et reines de France*, Paris 1900?

Conte Ch. de Beaumont, *Les jetons Tourangeau*, Châlons-sur-Saône 1901.

Planchenault, *Les jetons angevins*, Châlons-sur-Saône 1901.

J. Florange, *Mémorial du jetonophile; guide de l'amateur des jetons armoiries*, Paris 1902.

Edouard van den Broeck, *Les jetons des Seigneurs-Trésoriers de Bruxelles au XVII^e siècle*, Brüssel 1905.

Georges Cumont, *Méreaux de la Maison de Force à Gant*, Bruxelles 1905.

Pelos motivos expostos, reunimos grande copia de elementos para um trabalho vasto, e apenas bem poucos são agora offerecidos á benevolencia dos leitores.

Em resposta a sollicitações instantes e bem recommendadas, recebemos dezenas de decalques de *contos*, provenientes de exemplares que existem nos medalheiros de numismatas residentes em países longinquos; porém na maior quantidade dos que se apresentaram havia legendas mal impressas, ou apagadas, e symbolos sacrificados pela acção do tempo. A percentagem da rejeição neste caso não podia deixar de exceder enormemente a da escolha.

Para confirmar esta declaração, verdadeiramente despretençiosa, que patenteia o receio de entrar em estudos erriçados de difficuldades de grande vulto, derivadas da quasi inutilização de materiaes para trabalho, examine-se o decalque reproduzido na fig. A.



Fig. A

Trata-se do exemplar mais reconhecível na serie dos exemplares rejeitados. O caracteristico da sua pagina de honra, a do avverso,

parece denunciar nova e surprehendente affirmação.

No campo avulta o contorno de um busto, como se fosse desenhado levemente a esfuminho, coberto de ferrea armadura; rosto occulto pela viseira calada; punhos em descanso na cruz do pesado montante, que lhe sobe até a região do peito. Estará ali patente a figura do intrepido D. João I com toda a sua arrogancia medieval, em attitude de energia physica, apesar de nas moedas coevas não haver feições da sua personalidade, como avultam nos torneses e barbudas de D. Fernando? Não o duvide quem examinar o que resta da legenda, em que as letras I H S (abreviatura de IOHANES) apparecem nitidas na orla direita. Haverá aqui a imitação do typo de certos *jetons*, em que desde o sec. XV apparecem retratos, como os do archiduque Maximiliano de Austria, ulteriormente imperador, e de seu filho Filipe, o Bello?¹

No reverso ha clareza no typo e obscuridade na legenda. Cinco escudetes em cruz, com um só ponto no centro, são cantonados por quatro grupos de tres discos dispostos em triangulo. O todo é contido em quatro arcos de circulo duplos, cujas ligações, em angulos agudos,

¹ Veja-se a p. 26 da *Histoire du jeton au moyen âge*, por Jules Rouyer et Eugène Hucher, Paris 1858.

são ladeadas por discos. Estes são numerosos, de expressão fatigante, como a de circulos em rotação permanente, de insistencia tão fecunda que o observador julgará ver miniaturas de moedas, ali patentes como causas que foram do mester em que intervinha a competencia do conto.

De conformidade com a communicação que nos foi feita pelo Sr. Antonio Pedro de Andrade, actual possuidor do conto, Lopes Fernandes mencionou as legendas pelo modo seguinte:

A.—+ I H S.... + ET + PO + AL....

B.—+ AR + A + M + I..... ET + A + AD

O exemplar é de cobre com fraca espessura. Foi comprehendido num dos lotes de moedas e medalhas portuguezas da collecção d'este escritor, distribuidas entre diversos numismatas no Rio de Janeiro¹.

Visto mencionarmos o nome de Lopes Fernandes, convem saber-se que procurámos com o maximo empenho conhecer exemplares dos nossos *jétons com nomes de Santos*, como elle diz a p. 139 da *Memoria das moedas correntes*. Alem dos de *Gaspar, Melchior e Bathazar* (os Reis Magos), nomes que foram gravados nos *contos* n.ºs 3 e 12 da estampa que illustra o artigo do Sr. Julius Meili², não vimos outros.

O assunto foi por elle tratado com brevidade, portanto ha razão para esperar a confirmação da nossa suspeita.

O *conto* n.º 12 a que acima nos referimos é de extrema raridade, porém mais raro é um exemplar variante d'elle pelo an-



Fig. B

verso, unico até hoje visto, o qual existe na collecção do Sr. Conde dos Oliveaes e de Penha Longa. Vae representado na fig. B.

+ IASPAR + MELCHIOR + VALT(ASAR). No centro de quatro arcos ogivae, cantonados por quatro aneis, destaca-se a figura de um leão em attitude de caminhar com velocidade. Entre esta allegoria e a legenda desenvolve-se a ornamentação de quatro castellos, entre circulos, divididos pelas extremidades da cruz de Avis, cuja parte principal está occulta.

¹ Leia-se a breve historia da dispersão completa do muito notavel medallheiro de Lopes Fernandes, inserta a p. 451 do vol. II de Teixeira de Aragão.

² Veja-se a estampa em seguida á p. 64 do vol. V do *Archeologo Português*.

R.—Roda de moinho espadanando agua. Cobre. Peso 4st,41. Diámetro 26 millímetros.

A figura do leão neste *conto* é significativa.

A guerra que D. Affonso V foi levar a terras de Hespanha, para se apossar da herança de seu sogro, Henrique IV, á qual julgava ter incontestavel direito, começou em 1475 e, pelo tratado de paz firmado em Alcantara, terminou a 14 de Setembro de 1478. Ora como neste periodo foram cunhadas moedas portuguezas, denominadas reaes grossos de prata, em que figura o escudo heraldico de



Fig. C

Hespanha, como se mostra na fig. C¹, copia do exemplar da collecção monetaria do Sr. Conde do Ameal, deprehende-se que o *conto* é da mesma epoca. O leão é neste caso o revelador.

O reverso do *conto* não é menos expressivo com a roda de moinho, que era a divisa de D. Affonso V.

As peças metallicas de que vamos tratar, sobreviventes de estragos maiores, foram escolhidas em doze collecções. A resenha começa no sec. XIV e vae até o sec. XVI, abrangendo pois o periodo em que os *contos* exerceram activa preponderancia na contabilidade, independentemente das lições, na maior parte enigmaticas, dadas pelas suas legendas, admittindo que anteriormente ao reinado de D. Fernando as operações de arithmetica pratica fossem auxiliadas por objectos de naturezas diversas, absolutamente estranhos á gravura e ao cadinho.

É de crer que os *contos* fossem numerosos na gaveta do commerciante, como os acotiados de villas provincianas na dependencia da realleza; portanto aguardaremos que appareçam outros exemplares, ineditos e de boa feição.

A analyse critica e descriptiva do material figurado na estampa que acompanha este artigo vae desenvolvida pelo modo seguinte.

¹ Esta moeda é muito notavel, por ter em ambas as paginas a letra monetaria P entre arruelas.

Parece que a letra do anverso, encimando o escudo portuguez, deve significar PORTVGAL; porém a do reverso não será uma repetição, desnecessaria, ou significará PORTO? Trata-se de erro ou de distracção do gravador, ou deve suppor-se que elle já considerasse portuguez o territorio hespanhol?

Ha exemplares de grossos de prata com a letra C no reverso, onde está racionalmente bem collocada para significar CASTELLA.

Seria interessante que a duvida fosse inteiramente resolvida.

Seculos XIV e XV

D. João I

N.º 1.—✠ AVE ☆ MARIA ☆ GRA(CIA) ☆ PLENA. No campo **✠**, inicial de João, entre duas estrelas de cinco pontas, dentro de um circulo. A letra é protegida pela coroa real, guardada por outras estrelas, iguaes áquellas.

R. ✠ ADIVTORIVM ☆ NOSTRV(M). Cinco escudetes com as quinas, cantonados por quatro estrelas, dentro de um circulo. Cobre. Peso 3^g,02. Diametro 26 millimetros.

Este *conto* pertence ao Sr. João Nunes. É igual ao que vem descrito sob o n.º 1520 na *Histoire du Travail*, por Teixeira de Aragão. No anverso ha o typo da moeda de bolhão de 1 *maravedi*, que D. João I, rei de Castella (1379-1390), mandou cunhar com a denominação de *agnus dei blanco*, por ter no reverso o Cordeiro de Deus ¹. Esta moeda foi corrente em Portugal, e, portanto, é provavel que servisse de modelo ao gravador do *conto*.

N.º 2.—IAN — S.º REX.º — POR(TVGALIAE).º — ALG(ARBII). Cinco escudetes com as quinas, cantonados por estrelas, são separados por quartos de circulo em sequencia de traços que convergem para o centro do disco.

R. ✠ ADIVTORIVM ☆ NOSTRVN. Cruz da Ordem de Christo, estreita, entre dois circulos paralelos, cantonada por quatro besantes. A haste perpendicular inferior é ladeada pelas letras P(ORT)O ². Cobre. Peso? Diametro 21 millimetros.

Pertence ao Sr. Antonio Pedro de Andrade.

¹ Veja-se o desenho d'ella na estampa ix, n.º 1, de *Descripción general de la monedas hispano-christianas*, por Aloiss Heiss.

² Na collecção monetaria do Sr. Joaquim José Judice dos Santos existia outro exemplar, levemente variado no reverso, em que a cruz está contida num circulo de pontos, como se vê na fig. D, a qual é copia do desenho, feito pelo venerando decano dos numismatas portuguezes, comprehendido entre outros desenhos de um volumoso manuscrito de apontamentos, canhenho que o acompanhou, como elemento indispensavel em pesquisas de moedas e medalhas antigas, num periodo pouco inferior a 50 annos!



Fig. D

Notamos que, relativamente á legenda do anverso, a fórma IANS, para designar IOHANES, é quasi desconhecida nas moedas. Apenas temos noticia de que foi assim gravada num *dinheiro de cobre*¹ de D. João I, que tem a marca da casa monetaria do Porto. Não pudémos obter o desenho. O exemplar vem mencionado, sob o n.º 75, no catalogo que o Sr. J. Schulman distribuiu com o titulo de *Collection Cyro Augusto de Carvalho—Monnaies et médailles portugaises—Vente á Amsterdam. Septembre 1905.*

Nas moedas de D. João I lê-se em abreviaturas o nome do soberano, IOHANES. A mais vulgar é IHNS, que nalguns padrões apparece transformada em IHS e IHES. Outra fórma sem a letra H, a de IOANES, deu as variantes: IOANIS, IOANS, IONS, INES, INS e ainda IANS. E é provavel haver mais variedades. Esta ultima vem gravada no *dinheiro de cobre* portuense a que nos referimos.

Seria adoptada no *conto*, porque se admite, como asserção evidente, que aos gravadores do numerario não era prohibido que exercitassem para uso particular o seu mester artistico fóra das casas da moeda, ou até mesmo nellas.

Ha outro *conto* originario do Porto, mas de typo diverso do que descrevemos. Cumpre que seja conhecido, apesar de muito deteriorado. Próveio do leilão das collecções de moedas portuguezas e outras de



Fig. E

J. Van Kuyk e M. A. Schellens, realizado em Amsterdam no dia 20 de Setembro de 1904. No respectivo catalogo tinha o n.º 28 e fôra classificado como real de 10 soldos, pela semelhança que o seu anverso tem com o do real de igual valor de D. João I, n.º 28 de Teixeira de Aragão, sem que o catalogador attendesse á falta absoluta de legendas, a qual colloca o exemplar na ultima classe dos metaes cunhados outrora. A fig. E representa-o no rigor da verdade.

No campo a letra Y, coroada, entre P—O.

℞. Cruz com as extremidades em curvas agudas, dentro de arcos de círculo. Bolhão. Peso 0^g,76. Diametro em oval irregular, na razão de 14 × 15 millimetros.

¹ A moeda que assim denominamos, na falta de denominação mais racional ou exacta, é a que passou por *ceitil* na opinião de escritores numismaticos, a emitida nos dois reinados anteriores a D. Affonso V.

A denominação manteve-se até que o Sr. Ferreira Braga provou que era erronea. Leiam-se as considerações judiciosas que elle desenvolveu no artigo inserto de p. 24 a 29 do vol. VII do *Archeologo Português*. Convem não deixar no esquecimento a solução demonstrada.

Pertence ao Sr. Dr. Francisco Cordovil de Barahona.

Póde argumentar-se que esta interessante ruina teve legendas (cujos vestígios realmente não existem), destruídas pelo cerceio... A admitir-se isto, o seu diametro seria consideravelmente maior que o do real de 10 soldos já citado, e o peso regularia quasi pelo dobro do que tem, muito aproximado ao d'aquella moeda. Attenda-se á fórma irregularmente ovoide e á pobreza ornamental dos symbolos, para que a antigualha seja classificada na familia dos *contos*. Estas provas bastam para condemnar a opinião irreflectida do catalogador.

É pois certo que os contos na sua infancia foram anepigraphos, como os objectos usuaes da vida caseira. O n.º 1 da collecção do Sr. Ferreira Braga¹, mais antigo, não é menos revelador do facto. Quando se generalizaram, chegada a sua epoca florescente, revestiram-se de importancia e adoptaram alguns symbolos monetarios, pela convivencia com as moedas, como se d'ellas descendessem em linha de bastardia; e o abuso manteve-se imprudentemente.

N.º 3.—✠ AVE ☆ MARIA ☆ GRACIA ☆ PLENA ☆ ✕ Cruz dentro de dois circulos, ornamentada com globulos junto ás extremidades e cantonada por quatro estrellas, cujas caudas são pequeninos aneis.

R. ooo DOM ooo INVS ooo TECV ooo [M] BE(NEDICTA) ✕ Cinco escudetes com as quinas, divididos por um circulo. O escudete central está contido entre quatro globulos num quadrado formado por quatro estrellas. Latão. Peso 1^g,95. Diametro 22 millimetros.

Pertence ao Sr. José de Ascensão Guimarães.

Este *conto* é de singular belleza. A ornamentação da cruz lembra a de quatro cravos, que é característica no reverso de um dinheiro, muito conhecido, de D. Sancho II. A legenda, no sentido que exprime, transita em sequencia immediata para o reverso. Os grupos de tres globulos são de absoluta novidade na parte superior dos escudetes, entre estes e a orla, onde seria impossivel gravar letras de grandeza igual á das da legenda.

N.º 4.—✠ AVE ☆ MARIA ☆ GRACIA ☆ PLENAD(OMINVS). Cruz contida num circulo de traço continuo, antecedido de outro pontuado, cantonada por grupos de tres estrellas em triangulos equilateros com um anel no centro.

¹ Veja-se a estampa collocada entre pp. 304 e 305 do vol. VII do *Archeologo Português*.

R. ✕ EN ☆ LATON ☆ D ☆ BO ☆ POR ☆ GALA. Cinco escudetes com as quinas collocados em dois circulos. Latão. Peso 2^g,27. Diametro 23 millimetros.

Pertence ao Sr. Pedro Ferreira.

O anverso foi ornamentado a capricho para libertá-lo do character monetario? Esta razão tambem nos occorreu ao aspecto do *conto* anterior. É de presumir que ambos, e os dois seguintes, denominados convencionalmente *contos de Ave Maria*, pertencessem a mosteiros ou a confrarias. Quanto á legenda, nota-se que faltasse o espaço para collocar mais uma estrella entre o final da palavra PLENA e a letra D. Eis porque a junção de taes letras dá PLENAD, em vez de PLENA ☆ D(OMINVS).

Tambem são frequentes as irregularidades d'esta ordem nas legendas do numerario coevo, e ainda apparecem em epochas vizinhas do reinado de D. Sebastião.

No reverso lê-se LATON, e não LATOR. A fôrma terminada em R vem na descrição de um *conto* analogo, o n.º 1522 da *Histoire du Travail*. Entenda-se que a semelhança entre N e R unciaes originou o equivoco.

Em POR ☆ GALA a estrella divisoria teria collocação racional entre L e o A final e subentender-se-hia POR(TV)GAL(IAE ET) ☆ A(LGARBI). Dada como certa esta interpretação, o *conto* foi destinado para *bom serviço em Portugal e no Algarve*, mesmo de latão, EN LATON, a mais economica das ligas metallicas que então eram destinadas a cunhos. Dir-se-hia que houve intenção de condemnar o luxo dos *contos* mais antigos, que na maior parte eram de bolhão, ou de cobre, salvas rarissimas excepções conhecidas, apesar de no sec. XIV não ser mysterio saber-se que a resistencia do latão contra o gasto, em comparação com a dos metaes que supomos criticados pela legenda, era pouco vigorosa para o fabrico de especies destinadas a grande movimentação, que houvessem de resistir por muito tempo, como convinha.

N.º 5.—O anverso é perfeitamente igual ao do exemplar supra descrito.

R. EN ✕ LA ☆ TON ☆ ✕ COMO ☆ ADOR ☆ Cinco escudetes com as quinas, cantonados por quatro estrellas, dentro de um circulo pontuado. Latão. Peso 2^g,10. Diametro 22 millimetros.

Pertence ao Sr. João Manoel da Costa, de Mertola.

A leitura da legenda começa da esquerda para a direita na orla inferior; a disposição das quinas verticaes assim o indica.

Não foi possível achar o sentido da palavra ou palavras COMO ☆ ADOR. Se aqui não ha abreviaturas, temos de admittir ignorancia ou distracção do gravador.

N.º 6.—O anverso é igual ao do exemplar anterior.

R. ✕ EN ☆ LATON ☆ DE ☆ BON SERVICIO ☆ ✕ Dentro de um circulo pontuado cinco escudetes com as quinas, cantonados por quatro aneis e ligados por quartos de circulo em traço continuo. Latão. Peso 2^g,32. Diametro 23 millimetros.

Pertence ao Sr. Dr. Arthur Lamas.

A grávura é mais harmonica e melhormente delineada que as duas gravuras anteriores. Pelo seu character lembra o estilo, grave, de certas moedas de bolhão do tempo de D. João I.

Nota-se que entre este numero e os numeros 4 e 5 foi repetido o typo do anverso. A invocação á Virgem denota o character religioso d'estes *contos*. Qualquer autoridade ecclesiastica approvaria um typo norma, concedendo que de algum modo pudesse conter sinaes ou palavras indicativas de applicações diversas? Lembra-nos que as variedades contassem e registassem o numero de sacerdotes assistentes a missas, a novenas, a exequias e a outras frases do culto catholico. Finalmente nada pôde dizer-se positivamente a este respeito.

Seculo XV

D. Affonso V

N.º 7. — ☆ ALFONSUS ° DEI ° GRACIA ° (R)EX ° P(ORTUGA-LIAE) ° Dentro de tres arcos ogivaes, duplos, unidos por tres triangulos ornamentados de aneis, ha tres escudetes com quinas, collocados em triquetra e convérgentes para um florão rosaceo, central.

R. ✕ ✕ ✕ ADIUTORIUM ° NOST[R]UM ° IN ° No campo um grande M uncial, coroad, entre tres letras identicas, porém semiunciaes, em cujos intervalos ha quatro estrellas. O florão central da coroa é ornamentado de quatro aneis. Cobre. Peso 3^g,99. Diametro 28 millimetros.

Pertence ao Sr. Ferreira Braga este *conto*, notavel e interessantissimo. Se a legenda fosse indecifavel pelos estragos do tempo, julgarse-hia que elle foi contemporaneo de D. Manoel. A grande letra coroad induziria ao erro.

É singular a posição dos escudetes em triquetra. Presumimos que o gravador se inspiraria no anverso dos florins de ouro de Walram de Moerurs, bispo de Baer (1415-1456). Numa d'estas moedas, datada

de 1445, ha tres escudos heraldicos na mesma posição: o de Baer, o de Utrecht e o de Lathem ¹.

Foi consideravel a quantidade de moedas de ouro estrangeiras que circularam em Portugal no reinado de D. Affonso V, em virtude das necessidades commerciaes; por isto não é descabida a supposição.

É para admirar que ainda hoje se conserve em tão perfeito estado senil este exemplar, de insignificante espessura. O modulo, pela amplidão, é comparavel ao dos reaes de cobre de D. Manoel, que o povo rejeitou.

D. João II

N.º 8. — † CONT † VS[?]N † [?]ONS † WOTR : Dentro de um circulo duplo ha cinco escudetes cantonados por quatro aneis e quatro SS, que estão contidos num hexagono aparente de oito pontos. Como ornamento, outras quatro letras iguaes, porém maiores, se destacam dentro de semi-circulos, precedidos e seguidos por grupos de tres aneis.

R. † CONTVS : ERV[?]IORCS : DVITR. Escudo com a cruz de S. Jorge entre quatro aneis, que separam quatro SS collocados em posições obliquas. Este quadro tem por moldura ornamental quatro arcos, fechados por aneis e unidos por triangulos entre aneis. Cobre. Peso 4^g,88. Diametro 27 millimetros. Bella patina.

Pertence ao Sr. Dr. Artur Lamas.

A descrição d'este *conto* não é de facil comprehensão para quem não veja o original ou gravura que o represente.

Na legenda do anverso ha dois espaços em claro, que notamos com interrogações. No primeiro é impossivel presumir que letra existiu. No segundo haveria C, que aggregado ás tres letras seguintes dêsse CONS, abreviatura de CONTVS? Esta palavra na orla direita é a unica legivel. A letra M, invertida, tem o aspecto de W, letra que não pertence ao alfabeto portuguez.

É causa de reparo que na epoca de D. João II houvesse taes anomalias em especies cunhadas, filhas de uma arte já soffrivelmente desenvolvida em Portugal, a arte da gravura.

Este *conto* devia fallar portuguesmente, visto que dispensára o latim, a lingua usual dos seus congeneres nesse tempo.

A presença das letras unciaes E e C, de mistura com as restantes, que tem character francamente latino, parece representar o inicio da reforma havida na configuração do alfabeto no tempo de D. João II.

¹ Veja-se o n.º 4:481, estampa x, do *Catalogue de Frederik Müller*, de Amsterdam. *Vente le 12 Décembre, 1904. Monnaies du cabinet de Joh. W. Stephanik.*

A leitura da orla do reverso é absolutamente obscura de sentido, exceptuada a palavra CONTVS, não dividida.

Este typo não é inteiramente novo. Já o vimos no exemplar n.º 13 da collecção do Sr. Julius Meili, porém as diferenças entre ambos são notaveis. No anverso d'este, que é o reverso d'aquelle, falta a letra S representada oito vezes. Igual letra no reverso, tres vezes repetida, conserva posições perfeitamente verticaes. Alem d'isto as legendas dizem CONTVS : CONT ♦ CON ♦, e nada mais.

Consultem-se tambem as gravuras dos n.ºs 8 e 10 da collecção do Sr. Ferreira Braga.

Seculo XVI

D. João III

N.º 9.—CO[N]TOS ✧ PERA ✧ CONTAR. Escudo de armas do reino com coroa entre dois grupos de cinco arruelas em cruz.

R.—∞ CONTO[S] ∞ PERA ∞ CONTAR. No campo a esfera armillar com o globo no centro. Na ecliptica, bandada da direita para a esquerda, são representados por pequeninos globulos sete dos signos zodiacaes. Latão. Peso 14^g,76 (!) Diametro 31 millimetros.

Pertence ao Museu Ethnologico Português.

Este *conto*, que é uma variedade do n.º 50 da collecção do Sr. Ferreira Braga, mostra no anverso character monetario; é semelhante ao dos tostões de D. João III cunhados pela ordenação de 10 de Junho de 1555, e d'isto poderiamos inferir que seria fabricado desde então até 1557, anno este em que o monarcha falleceu; mas não pôde assegurar-se-lhe data certa. As palavras da legenda são divididas por ornatos ou symbolos que tem a configuração de estrepes, ou puas de ferro, a que os franceses chamam *chausse-trapes*¹. É provavel que os estrepes figurados representem uma ideia, embora não façam parte do typo, onde não teriam logar no campo occupado pelas armas do reino, se, como é de suppor, houve *contos* especiaes para uso dos juizes ou dos seus subordinados no seio das corporações de artes e officios.

Nem só nos *contos* apparece a esfera armillar durante o reinado de D. João III. Vê-se num sello anepigrapho do tempo d'este rei,

¹ No *Traité complet de la science du blason*, por Jouffroy de Eschavannes, a p. 149, vem o desenho de um escudo heraldico em que este symbolo é representado por tres vezes. A definição que ali se dá de *chausse-trapes* é: *Pièces de fer cà quatre pointes dont l'une est toujours droite, tandis que les trois autres la soutiennent. On les sème aux endroits où doit passer la cavalerie, por blesser les pieds des chevaux.*

sêllo que está pendente de uma carta por elle assinada e remetida ao Duque de Bragança D. Theodosio, em 20 de Maio de 1538¹, e ainda em certas moedas de calaim cunhadas em Malaca, as quaes tem as legendas IOANNESRPETALDG, sem pontos divisorios de palavras, e IOA : III : POR : ET : AL : R :, recolhidas no Raffles Museum por W. Egerton².

N.º 10.—◊◊D(OMINVS)◊N(OSTER)◊IOANES : I◊I◊I◊(REX) PORT(VGALIAE ET) A(LGARBII). Escudo de fantasia, não coroadado, entre grupos de tres aneis em vertical. No centro contém as quinias dentro de cinco escudetes, cantonados com a letra E invertida.

R. ◊◊OMNIS ◊◊SPES ◊◊EIVS ◊◊IN ◊◊D(EO)◊◊ No campo a esfera armillar, deformada, com o globo no centro. Latão. Peso 6^g,80. Diametro 30 millimetros.

Pertence ao Sr. Julius Meili.

As letras E E invertidas nos dominios dos escudetes semelham-se áquellas que foram gravadas em padrões de moedas de prata cunhadas em Evora no reinado de D. João IV. Não queremos dizer que os moedeiros eborenses pensassem na adopção de quaesquer symbolos ou reminiscencias dos *contos*, cuja decadencia então já era muito antiga, para que certas moedas se distinguissem melhor. Convem saber-se que até hoje não tem sido possivel achar a causa de taes irregularidades propositadas em Evora³.

¹ Veja-se a gravura LXXXIV da estampa P no vol. IV da *Historia Genealogica da Casa Real*.

² Veja-se as figs. 8, 9 e 10, da estampa II, do *Journal of the Straits Branch of the Royal Asiatic Society*, fasciculo n.º 39.

³ O emprego de letras invertidas nas moedas continentaes foi muito corrente em certas epochas, até o fim do sec. XVII. Mesmo os grandes padrões de luxo monetario, os *portugueses de ouro*, não foram exceptuados. Ha um exemplo de letra



Fig. F.

inicial de nome de monarcha invertida no campo reverso de um real de cobre de D. Sebastião (vide a fig. F), o qual existe na colleção que foi organizada pelo fallecido numismata o Sr. Joaquim José Collaço, ultimamente incorporada na do Sr. Robert A. Shore.

No reverso apparece a letra D invertida.

Este *conto* não pertenceu á contabilidade do real erario, apesar de ter o nome do rei; a falta da coroa real e a fórma caprichosa do escudo de armas assim o dão a entender.

N.º 11. — † TEN † TVS † PORT † (V)GAL(IAE) : Escudo com castello de tres torres banhadas pelo mar, dentro de dois circulos parallellos, entre dois aneis. Tres ornatos semelhantes a flores de lis occupam a parte superior, como se fossem symbolos de importancia especial.

R. † OMNIS : SPES : EIVS : IN : OE(O) : No campo, dentro de de um circulo granulado, avulta a esfera armillar, deformada, com o globo no centro. Latão. Peso 8^g,58. Diametro 31 millimetros.

Pertence ao Sr. Dr. Artur Lamas.

Este exemplar, de muito elevado valor estimativo, é documento importante para a apreciação da epoca em que começou a degeneração dos contos. A palavra TENTVS poderá ler-se TENTVSI, á primeira vista, porque o ornato baixo e largo, em fórma de pilastra¹, subsequente á letra S, π parece I. Tem por fim preencher o espaço que sobejaria entre a mesma e o florão. Para identico effeito foram accomodados dois pontos, quasi desnecessarios, entre o final da palavra PORT(V) : GAL e o florão que se lhe segue.

O castello de tres torres não parece ter significação heraldica. Consideramo-lo reminiscencia do typo principal do ceitel, cujo fabrico já estava em decadencia no reinado de D. João III.

Pensamos que quando este *conto*, ou (para melhor dizer) *tento*, saiu da pressão dos cunhos, ainda não estava em plena execução a sentença de morte moral lavrada pelo progresso contra os seus congeneres anteriores, dispensados de intervir no calculo, e por isto não duvidamos que elle exercesse tal mester quando na posse de individuo conservador de habitos inveterados; porém é evidente que a sua missão era outra. A simples palavra TENTVS bem a indica.

Era crença geral entre numismatas que os *contos* tinham degenerado numa epoca proxima ao termino do sec. XVIII, e esta crença, intuitiva, não carecia de provas materiaes para viver. Sabiamos que posteriormente a noção exacta dos *contos* se perdera na memoria dos

¹ Nos *jetons* ingleses posteriores a Eduardo III (1327-1377) apparecem ornatos iguaes a este. Veja-se as figs. n.ºs 134 a 136, estampa XVI, da *Histoire du jeton au moyen âge*, por Jules Rouyer et Eugène Hucher. Paris 1858.

nossos ascendentes, que os consideraram como inutilidades sem historia propria, áparte aquelles a que erradamente deram valores monetarios; porém na realidade não presumiramos que na epoca de D. João III já tivessem derivado para os jogos¹.

O Sr. Dr. Lamas conserva religiosamente este *conto*, que faz recuar muitas dezenas de annos o inicio de um facto, não contestado na sciencia archeologica da actualidade.

O Sr. Conde de Sabugosa, a pp. 84-85 da sua obra *O Paço de Cintra*, quando trata de jogos antigos, firma e quasi realça a parte que nelles tomaram os *contos*, mas não se refere á epoca em que passaram da actividade do trabalho para a dos recreios palacianos, certamente porque os valiosos documentos antigos que o escritor consultou nada lhe disseram positivo a tal respeito.

Lisboa, Novembro de 1905.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

¹ É nova para nós outra applicação (antiga?), dada aos *contos*. Serviram de amuletos! Existe uma prova d'isto no Museu Ethnologico Português; é um exemplar, do tempo de D. João II, com o typo de pelicano (veja-se o n.º 14 da collecção de Meili). Tem um orificio junto á orla. A imagem do pelicano seria acaso considerada na superstição popular como excellente meio de afugentar enfermidades que assaltam as aves domesticas, quando os *contos* que o representam fossem pendurados, por exemplo, numa capoeira? Tambem para intuitos analogos dependuram nas casas de habitação, nos curraes, etc., ferraduras e chavelhos.



Fig. G



Fig. H

No mesmo Museu ha outro exemplar, igual ao n.º 40 de Meili, que tem um carimbo, em fórma de cruz, dentro de um quadrado reentrante, como se vê na fig. G. D'isto conclue-se que os *contos* recebessem marcas especiaes, posteriores á cunhagem, quando aproveitados por quem os adoptasse, á falta de outros propriamente seus? Este caso, isolado, exemplificará uma ideia?

Um caso da mesma natureza, relativamente a senhas de cobre valorizadas, succedeu na Ilha da Madeira, onde a firma commercial Ferraz & Irmãos carimbou senhas de outras firmas com as iniciaes F. I. Recebia e pagava quantias insignificantes com pseudo-moedas alheias.

Mostra-se um exemplo da asserção na fig. H.

